



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

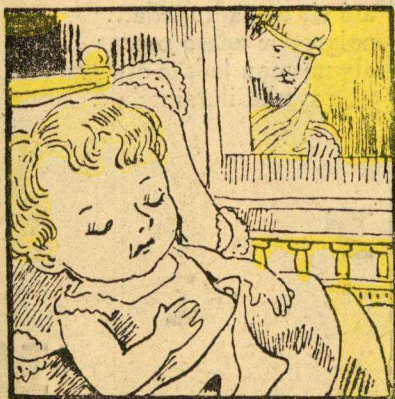
DE SANTA
RITA

O MENINO E O BOM LADRÃO

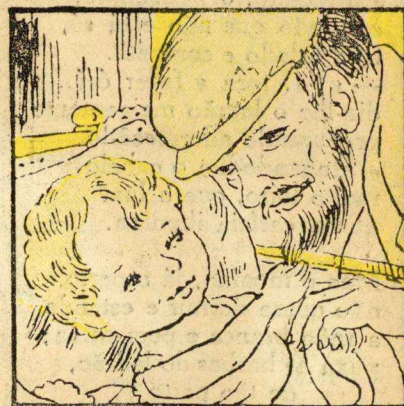
Por MARIA DOS MILAGRES

A meia-noite soara
no velho relógio inglês...
Fora, a luz serena e clara
do luar, iluminava
a casa branca, o jardim,
lá longe, os montes sem fim!
dando a tudo um tom suave
de magia
e uma sombra fugidia.

No seu quarto pequenino
aberto sôbre o terraço,
o menino
dorme calmo e sossegado,
enquanto um raio do luar
cristalino,
achando a entrada franca,
vem com ternura beijar,
primeiro, a caminha branca
depois o rôsto tão lindo
da criança



que a dormir se vai sorrindo.
Ao tocar-lhe, o raiozito,
quási treme de espantado
por julgar
que é o Menino Jesus,
quem dorme ali sossegado!
e então, numa docê luz,
fica ali a acompanhá-lo
e a velá-lo,
para que êle, ao acordar
daquêle sôno profundo,
se não sinta só no mundo.
Por acaso, o bom ladrão,
passando mesmo defronte
do jardim,
sente dar a meia-noite
e, como anda sempre a monte
e leva vida ruím,
— sem nunca ter de comer
nem abrigo onde pernoite, —
pensa logo, satisfeito,
que deve haver, pela certa,
alguma janela aberta
naquela casinha branca,
por onde êle possa entrar...
Salta, então, o muro baixo,
sem ruído,
e chegá à casa tranqüila,
um pouco surpreendido
de não ver um cão de fila
que o venha expulsar, ladrando.
E o pobre do bom ladrão,
por ser bom,
sente penetrar-lhe a alma
uma profunda tristeza,
uma pena
de se vêr tão miserável



ante a calma,
ante a grandeza,
daquela casa pequena!
Pensa quási em ir-se embora
só para não profanar
a casinha acolhedora
que a pálida lua banha,
mas a fome
que o consome
e a lembrança da montanha
escura, que é o seu retiro,
ocorrem-lhe ao pensamento,
num momento,
provocando-lhe um suspiro
muito fundo...
E, então, subindo a escada
do terraço,
o ladrão chega, num passo
silencioso,
mesmo junto da janela

escancarada
do quartinho do menino.

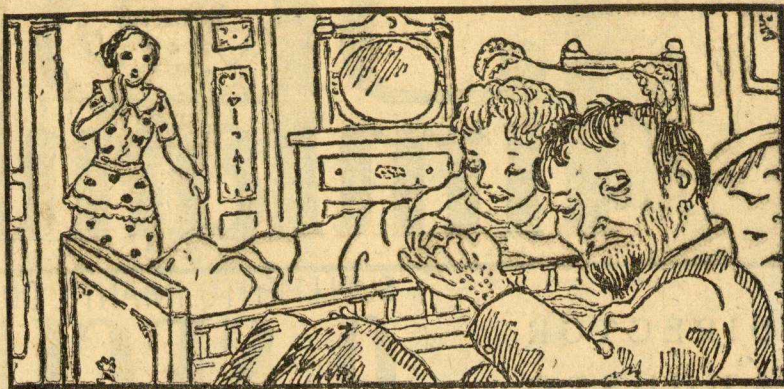
Espreita p'ra dentro e vê
só um leito pequenino
e um corpinho de criança.
Crê-se, então, em segurança
e avança, pé ante pé,
mas, por qu'rer muito depressa
chegar à porta, tropeça
num boneco, abandonado
ali no chão,
e fica-se apavorado,
sem se mexer, sem fugir,
à espera que venha alguém
inquirir

do barulho... mas, ninguém
por f'licidade o notou
em casa, além do menino
que acordou
ensonado, coitadinho!
e que logo faz beicinho
por não vêr ali a mãe
nem a ama!

Então o ladrão, aflito,
debruça-se sôbre a cama
e fala-lhe muito baixo,
na idéa de o sossegar;
Entretanto, o pequenino,
sentindo que não está só,
fica calado e contente.
— «Vá, toca a fazer ó-ó...»
diz-lhe o ladrão meigamente
procurando adormecê-lo
e afagando-lhe o cabelo
muito loiro, que o luar
numa carícia ilumina.

Mas o menino, já esperto,
não quer dormir e estende
a mão branca e pequenina;
puxa as barbas do ladrão,
de tão perto
que lhe estão
e sorri mui satisfeito,
sem se espantar, sem ter medo
daquêlê rôsto tão escuro,
daquêles olhos surpresos
que brilham como carvões
bem acêsos,
daquelas barbas enormes,
de tanta miséria, enfim!
— «Meu menino, então não dor-
mes?»
torna o ladrão, segurando
a mãosita da criança.
E não tens medo de mim?!...»

O menino percebeu,
pela certa, estas perguntas
porque logo respondeu
numa estranha linguagem
intraduzível mas doce,
e abrindo mais os olhos,



pôs-se a puxar, com coragem,
as barbas do bom ladrão.
Este olha-o num tal espanto
e encanto,
que até lhe foge a lembrança
de que viera roubar!
Se nunca qualquer criança
quizera vir junto dêle!
Tôda a gente o repelia!
mas aquêlê
menino, tão pequenino
e tão lindo,
mostrava que o não temia
e falava-lhe, sorrindo!

Da alma do bom ladrão,
a revolta, o sofrimento,
aos poucos desaparecem,
e fica-se ali, sereno,
num sublime esquecimento
do passado tenebroso,
não se crendo já pequeno,
nem se achando criminoso,
tão grande a santa ventura
que lhe dulcifica a alma
e o acalma!...

Por muito tempo o menino
lhe falou
na tal linguagem tão doce
que ninguém entenderia,
até que, por fim, calou-se
e apertando mais a mão,
grossa e rude do ladrão
entre as suas, pequeninas,
adormeceu finalmente,
muito calmo e sorridente,
deixando o seu companheiro
prisioneiro!
Passa o tempo devagar,
e o raiosito do luar,
que aos poucos empalidece,
vai-se cheiinho de pena
deixando a casa pequena
e o seu Menino Jesus,
pois que vem vindo outra luz
mais forte, a da madrugada,
substituir a primeira,
através da terra inteira.

Brilha o Sol já muito alto,
quando a mamã, penetrando
no quartinho do menino,
tem um susto, um sobressalto
ao olhar
a mais estranha das cenas!
O pequenito, sorrindo,
e apertando
entre as mãozinhas pequenas,
a mão do ladrão, enorme,
que ali dorme
num confiado abandono,
um profundo e doce sono
ao lado do pequenino...
A cabeça desgrenhada
encostada
aos caracóis do menino!

Desde então,
o bom ladrão
não tornou mais a roubar
e mudou-se o seu destino.
Ficou guardando o menino
naquela casinha branca;
e nas noites de luar,
como a porta do terraço
não tem tranca;
e porque, enfim, do quintal
o muro é muito baixinho,
êle, como um cão leal
vem deitar-se mesmo em frente
da janela tôda aberta
do menino,
e fica ali de olho alerta
até vir a madrugada...
pois pode acaso passar
algum mau ladrão e entrar
na casinha iluminada...

F

I

M

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Por MANUEL FERREIRA

TODOS os dias, o pequeno Alberto pedia a sua mãe que lhe contasse uma história.

D. Amélia, que colaborava em jornais infantis, entreteinha sempre, com lindos contos, o pequeno. Umaz vezes eram lendas de princesas encantadas; outras, histórias de homens notáveis.

Naquela tarde, a mãe disse ao Alberto:

— «Vou contar-te, hoje, a mais linda história que existe. Não há outra que se lhe compare em beleza.»

— «Conte, mamã, conte...» — pediu o Necas, interessado.

— «Vivia, num país muito formoso, à beira-mar plantado, um cavaleiro e poeta, lindo como o luar. Chamava-se êle, Portugal. Correrá todo o país, montado num cavalo branco de neve. Batera-se contra os inimigos da sua fé, enquanto cantava as belezas da sua terra. Mas, certo dia, aproximou-se do mar. E as ondas pareciam chamá-lo com voz estranha e imponente.

Não se conteve. O cavaleiro seria, também, navegador. Aprontou uma nau e, umas vezes, à aventura, outras, com conhecimentos náuticos, partiu para longe.

O que viu, maravilhou-o: novas gentes, terras e riquezas. Assombravam-o rios de pedraria e florestas de diamantes, rochedos de ouro e fontes que gotejavam pérolas. Gentes de tôdas as côres, usos e costumes, recebiam-no como se fôsse uma aparição divina.»

— «E depois? — (preguntou Alberto) — Que fez o cavaleiro?»

— «O seu desejo foi apoderar-se daquelas terras sem fim. Quási todo o mundo fôra por êle descoberto. Mas, como aquelas raças estavam em grande estado de barbárie, Portugal teve de exercer o seu domínio com a espada e a cruz.

Chamou-se a êste esforço a *ocupação*, realizada através de todos os sacrificios. Suas principais figuram foram o Infante D. Henrique, que teve o sonho das descobertas, D. Sebastião, mártir do Império e Camões, o poeta da nossa epopeia.

Estas foram as mais importantes. Mas há outras...»

— «Também importantes?» — perguntou Alberto.

— «Ora, se há... Nas descobertas, temos Gil Eanes, que se riu das len-



das do Mar Tenebroso; Bartolomeu Dias, que descobriu o Cabo das Tormentas; Álvares Cabral e o Gama que trouxeram a Portugal as duas mais lindas jóias; os Côrtes-Reais, descobridores da América; Fernão de Magalhães, que, pela primeira vez, deu a volta ao mundo; Pedro Nunes e D. João de Castro, os sábios de tão grandes empreendimentos.

Entretanto, os guerreiros...»

— «Também houve guerreiros?» — perguntou o pequeno.

— «Como não existiram em parte alguma: Albuquerque, a quem chamavam o «leão dos mares», Duarte Pacheco, o herói do oriente; Salvador Correia, reconquistador de Angola; Ferreira do Amaral, a quem devemos Macau, e Mousinho, herói de Chaimite.

O Império — (continuou D. Amélia) — teve apóstolos e mártires. O Infante Santo morre em Fez; S. Francisco Xavier, Padre António Vieira e D. António Barroso pregam a fé em Deus e o nome da Pátria na vastidão imensa da Índia, Japão, Brasil e Angola. E muitos exploradores percorreram a África, mostrando a nossa ciência e ousadia. Silva Pôrto, ultrajado, morre, envolto na bandeira; Anchieta, absorvido num sonho, percorre Angola de lés-a-lés; Serpa Pinto, Capelo e Ivens vão, pelo interior do continente negro, do Atlântico ao Indico.

O século XIX foi, particularmente, notável em actos de bravura. Pode chamar-se o verdadeiro século da ocupação. E esta fez-se de tal modo que se preguntarmos aos indigenas de Angola, Macau ou Timor, qual é a sua Pátria, êles não respondem que são angolanos, macaístas ou timorenses. Dizem, com grande orgulho: — «Somos portugueses!»

E, para terminar a história colonial do nosso Império, D. Amélia disse ao filho:

— «Amanhã, levarte-ei à *Exposição Histórica da Ocupação*, onde se vêem os documentos que provam o que acabei de contar. Diante dos retratos daqueles vultos que fizeram grande a História do seu país, explicar-te-ei os seus feitos. E tu, depois, deverás pensar, como eu, que à *Exposição* deviam ir, com as almas em reza, tôdas as crianças do nosso querido Portugal!».

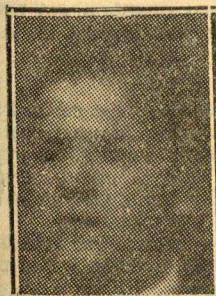
F I M

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS

CLASSIFICADOS

AMIGUINHOS DO PIM-PAM-PUM

COLABORADORES



José de Jesus Gonçalves



Joaquim António B. Mocito



Odete Rodrigues Cabral



José Júlio V. Rodrigues



António Santos Oliveira

EU SOU A PROFESSORA

COMÉDIA INFANTIL original de FRANCISCA DO CARMO COSTA

(Continuado do número anterior)

GUILHERME — Tem razão, minha senhora. Mas o raio do bengalão dá-me muita distracção. A minha filha? (Aponta Mariazinha). É aquela menina, se ela quiser!

MARIAZINHA — Eu cá não quero!

GRACIETTE — Porque é que a menina não quiere ser a filha daquele senhor?

MARIAZINHA — Tenho medo dos bigodes!

GUILHERME — (Apontando Rosa). Então, pode ser aquela!?

ROSA — Eu também não quero. Tenho medo do bengalão!

GUILHERME — (Triste e confuso). Então, quem é que quiere ser a minha filha?

GRACIETTE — Aqui não se escolhem as filhas. Os pais só vêm à escola matricular as meninas, saber se elas vão bem nos seus estudos...

GUILHERME — A brincar pode-se fazer tudo.

MARTA — Mesmo a brincar não se devem fazer coisas mal feitas.

TÓDAS, MENOS MARTA — É verdade! É verdade!

GUILHERME — Se ninguém quiere ser a minha filha, vou queixar-me ao inspector.

GRACIETTE — Pode ir que não faz cá falta nenhuma. Se julga que tenho medo dos seus bigodes, engana-se.

GUILHERME — Vou queixar-me, já disse. Assim que o senhor inspector souber que eu sou o Manuel Sebastião... (Sai e ouve-se o resto do nome e da lenga-lenga, fóra de cena).

CENA IV

ROSA — Minha senhora, não temos recreio?

MARTA — Querem-no melhor? Não se têm divertido bem!?



ISABEL — Parece que a Marta não está muito contente por se ter falado no recreio.

MARTA — Achava mais bonito que tivessem perguntado quando começava a aula.

GRACIETTE — (Tomando ares comicamente graves). Meninas, às suas lições. (Confusão de todas). Digam as meninas o que sabem. (Grande silêncio). Quero tudo

calado. (Pausa). Então, as meninas não sabem nada?

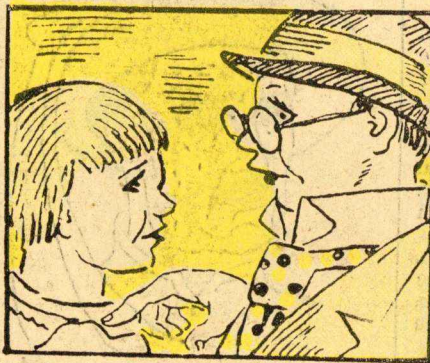
ROSA — Mas o que queres tu que a gente diga?

GRACIETTE — O' Rosa, não me trates por tu. Eu sou a professora!...

ROSA — Então, pergunta a lição.

GRACIETTE — Não me trates por tu. Eu sou a professora. Já disse e repito. Eu sou a professora. (A Marta). O que é que eu hei de perguntar?

MARTA — Interroga-nos sobre um ponto de história, pergunta qualquer coisa de geografia, ensina um bocadinho de gra-



mática, explica qualquer coisa de aritmética...

GRACIETTE — Mas isso tudo ao mesmo tempo?

MARTA — Não. Como faz a senhora.

GRACIETTE — Mas por onde hei de principiar?

MARIAZINHA — Pergunta-me a mim o que está na Cartilha para ver se eu já sei ler.

ROSA — Ela ainda não ensinou nada à gente.

GRACIETTE — Mas o que querem vocês que eu ensine?

MARTA — Elas têm razão. Nunca mais começa a aula.

GRACIETTE — Mas como hei de principiar? O que hei de escolher? Muito custa ser professora. Eu julgava que era só tomar o lugar na cadeira, dar ordens e não deixar a gente brincar.

MARTA — Agora é que nós vemos o trabalho que nós damos à nossa professora. (As crianças guardam um respeitoso silêncio. É a homenagem do seu coração à professora).

CENA V

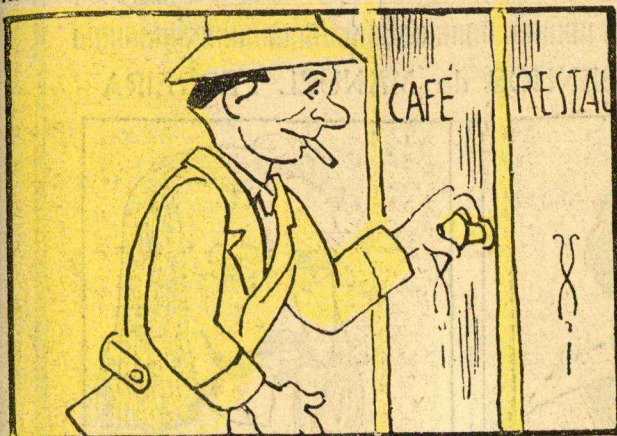
(Empurram de fora a porta. Entram Manuel e Guilherme. Manuel vem de pasta. Traz um chapéu de côco, enverga o casaco do pai e, em redor do pescoço, traz uma tira de cartolina branca, a fazer de colarinho engomado. As crianças riem).

MANUEL — (Dá largas passadas mirando tudo). Racho, sacho e dou para baixo, sou levado do diacho, onde eu chego tudo é mudo, eu, aqui, governo em tudo.

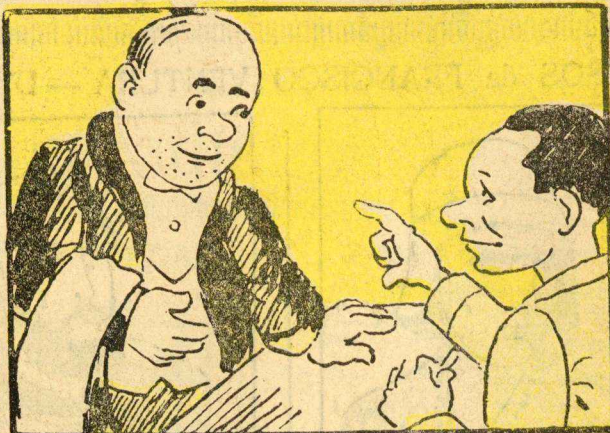
GUILHERME — Cá está o Manuel Sebastião Nicolau do Maranhão todo cheio

UMA RESPOSTA IMPREVISTA

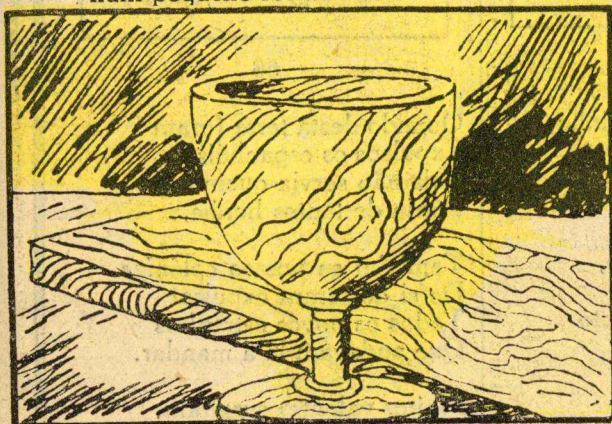
Por FELIZ VENTURA



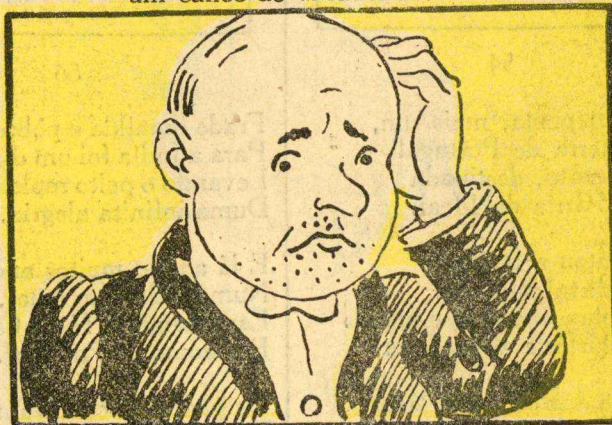
Barnabé Pisa Mansinho, que se julgava importante, entrou, em certa manhã, num pequeno restaurante.



E diz, assim, ao criado, em voz alta sobranceira: — «O' rapaz, traze, depressa, um cálice de «Madeira».



O criado, atrapalhado, ao ouvir-lhe tal dizer, exclama: «Xim, meu xinhor, eu vou lá dentro saber.



Mas parece que o patron, que é no axunto xabido, nom tem lá dêses copinhos, tem muitos mas xom de bidro».

de furor. Foi buscar o inspector, com car-
radas de razão.

MANUEL — Chega aqui o inspector e
ninguém se levanta?! Isto há-de dar que
falar, racho, sacho e dou p'ra baixo. Me-
ninas, tudo em pé. Eu aqui governo em
tudo.

Tôdas menos Martá — Menos em mim.

ISABEL — Calem-se. Finjam que têm
mêdo.

MARIAZINHA — Eu só tenho mêdo do
homem dos bigodes.

MANUEL — (Com arrogância). Aqui o
senhor Manuel Sebastião...

GUILHERME — Nicolau do Maranhão...

GRACIETTE — (Tapa os ouvidos). Já
sei o resto.

MANUEL — Destape as orelhas, sua
burra.

GUILHERME — O' seu cabeça de cão,
não falte ao respeito a uma senhora, dian-
te dos bigodes do Manuel Sebastião Nico-
lau do Maranhão, senão rapo do bengalão e
vai de ventas ao chão. (As crianças riem).

MANUEL — Cale-se, seu parvalhão, quem

é que quere ser filha dum tamanho tolei-
rão?! Vou perguntar às meninas qual delas
quere ser a sua filha.

TÔDAS — Fora o homem dos bigodes!

GUILHERME — (Sentá-se amuado). Se
eu soubesse que ficava sem filhas, não
queria brincar às escolas.

MANUEL — Calúda! Eu aqui governo em
tudo. Não seja tão abelhudo. (Aponta
para Rosa). Venha aqui ao pé de mim.
Diga tudo quanto sabe, que eu vou dar um
bigode à professora.

GUILHERME — (Tapando o bigode, com
as mãos). Não consinto que me roubem os
bigodes.

MANUEL — Diga lá, minha menina,
quantas partes tem o mundo?

ROSA — (Levantando-se). Cinco.

MANUEL — Quais são?

ROSA — Fé, esperança, caridade...

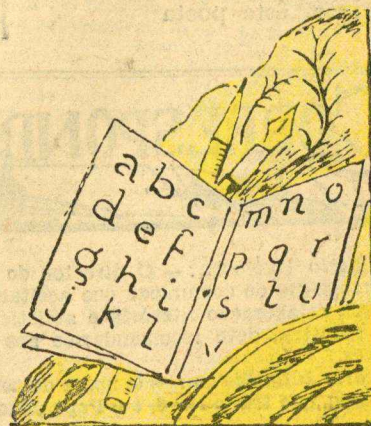
MANUEL — O' menina, isso são os três
reinos da Natureza! Bem se vê que não
sabe nada.

GUILHERME — Que grande cabeça tem
êste senhor inspector, aquilo é que é saber.

Não fica atrás do Manuel Sebastião Ni-
colau do Maranhão.

MANUEL — (A Mariazinha). Que opera-
ções de aritmética sabe fazer?

(Continua no próximo número)



CONCURSO: - Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



54

Mais um poeta, mais um,
Que a terra de Portugal
Foi, de-certo, destinada
Para a Pátria do Ideal.

Este cantou a Saüdade
E fê-lo de tal maneira,
Que a obra «Menina e môça»
Sendo história verdadeira,

Enche todos os que a lêem
De profunda comoção,
Faz encher os olhos de água
E vibrar o coração.

Seus versos são maravilhas
De incomparável beleza,
Onde estão entrelaçadas
A ternura e a tristeza.

E talvez por isso êle é
Nô seu género o primeiro.
Meninos, êste poeta
Era



55

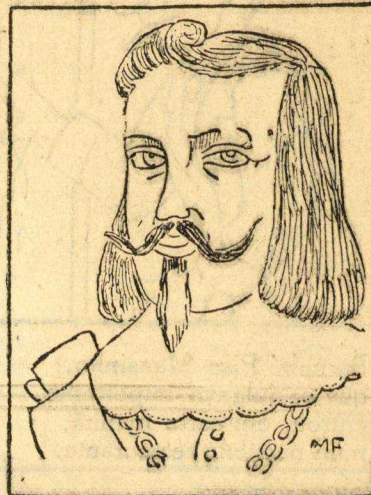
Frade humilde e pòbrezinho,
Para a Índia foi um dia,
Levando o peito repleto
Duma infinita alegria.

E lá andou muitos anos,
Numa vida sem igual,
Espalhando a fé de Cristo
E o nome de Portugal.

Os gentios o cercavam
De admiração respeitosa,
Pois inda não tinham visto
Alma tão pura e bondosa.

Tantas dores consolou,
Fez estancar tanto pranto,
Tanta gente converteu,
Que a Igreja fez dêle um santo.

Seu túmulo é maravilha
Que em Gôa se pode ver.
E' seu nome venerado:



56

Quando desta terra foram
Expulsos os espanhóis,
Pois não servia quem era
Pátria de tantos heróis.

Também as nossas colónias
De si quiseram expulsar
Todos os povos estranhos
Que andavam lá a mandar.

Muitos valentes surgiram,
Houve heróis por muitas vezes
E assim, dentro em pouco, foram
Postos fora os holandeses.

Este é um dêsses valentes
E enfileira entre os primeiros,
Pois conseguiu, em Angola,
Dominar os estrangeiros.

Arreatou-lhes Luanda
Numa luta de epopeia
E engrandeceu Portugal.
Era

CORRESPONDENCIA

Alberto Cutileiro: — O director do nosso suplemento, encarrega-me de comunicar que aceitará com muito gôsto a vossa colaboração literária e artística, a qual, a avaliar pela amostra, deve recomendar-se aos nossos pequeninos leitores.

Maria Júlia Fisher: — O nome do personagem da nosso concurso, que tem o N.º 8, é o Papa João.

Arcindo-Coimbra: — O nosso director pede o favor de enviar-lhe o seu endereço, pois deseja escrever-lhe sobre futura colaboração.

Julio Pedro de Vasconcelos e Silva: — Pede-se o favor de enviar, novamente, a morada, para lhe ser remetida a caderneta relativa ao Concurso dos Palácios e Monumentos.

Joaquim Valente de Sá Pereira: — Podes mandar a colaboração. Se fôr digna do «Pim-Pam-Pum» será publicada; se não fôr, terá de ir para o cesto dos papéis. Não desanimas, porém, porque a boa vontade muito pode.

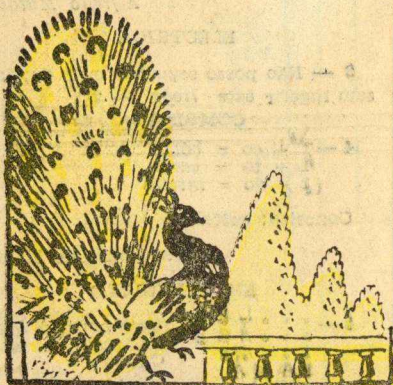
Lembranças a todos do velho amigo.

TIO PAULO

OS DEFEITOS

Por LAURA CHAVES

D. Pavão, senhor vaidoso
da sua enorme beleza,
do seu porte donairoso,
da sua grande nobreza,
escondido na folhagem,
arengava à bicharia
que lhe prestava homenagem
a tão alta gerarquia.



— «Tenho beleza por sete —
(piava êle em caramunha),
desde o alto do topete,
até à ponta da unha.

Sou mais lindo que a gazela,
mais formoso que o leão...
e não há coisa mais bela,
no mundo, do que o pavão!

Tenho esmeraldas nas penas
que por elas são forradas,
tenho safiras pequenas
na minha cauda, incrustadas...

O meu leque é todo feito
de setins de tons suaves,
eu sou o pássaro eleito,
eu sou a jóia das aves!

A mais bela criatura
sou eu, sou eu, o Pavão!
Em mim só há formosura,
não possuo um só senão. —



Nisto, passa um caçador
que a um coelhinho atirou.
O pavão, cheio de horror,
abriu as asas... voou.

E os bichos viram, pasmados,
o senão que o pavão tinha:
uns pés tão desengraçados
como os pés duma galinha.

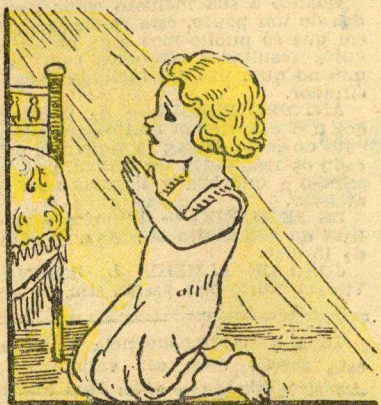
... ..
Isto, quem tem um defeito,
mesmo que queira ocultá-lo,
por mais que lhe faça o jeito,
sempre acaba por mostrá-lo.

F I M

■ S. JOÃO ■

Por ALBERTO NEVES

Lili, formosa menina,
De muito bom coração,
A-pesar-de pequenina,
Festejou o São João.



Queimou fogo de artifício,
Rindo, muito prazenteira;
E, sem nenhum sacrifício,
Também saltou a fogueira.

Deu às filhas da porteira
Três bonecos magistrais;
Aos garotos lá da rua,
Deu bôlos e coisas mais.

E quando se foi deitar,
Cheia de sono — coitada! —
A Lili pôs-se a rezar,
Sem à mamã dizer nada...

Pedindo ao bom São João
P'ra rodear de carinhos
Seu papá, sua mamã,
E todos os petizinhos...



Entretanto, adormeceu
A pequenina Lili;
E sonhou que o São João
Esteve abraçado a si!

F I M